

A DEPRESSÃO COMO OBJETO JORNALÍSTICO: explorando o arquivo do Grupo Folha (1970-2009)

Copyright © 2012
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

ERICSON SAINT CLAIR
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO - Investigamos indícios da construção cultural do distúrbio psíquico da depressão como uma atualidade midiática no Brasil. Para isso, exploramos sua definição como objeto jornalístico a partir do exame do *corpus* de pesquisa formado por matérias do Grupo Folha, especialmente a *Folha de S. Paulo*, ao longo dos últimos quarenta anos. Nossa abordagem do arquivo de notícias permite-nos delinear quatro regiões principais de estratégia de produção discursiva, expostas e exemplificadas no artigo. A partir destas observações, pleiteamos então uma nova perspectiva para a análise da função da imprensa na publicação de matérias de divulgação de pesquisas científicas acerca da depressão. Entenderemos seu papel não simplesmente como disseminadora automática de verdades científicas, mas como exploradora de uma zona cinzenta do domínio da opinião, encarada como representação dos destroços do saber circulante, em que está em jogo a produção da própria atualidade do distúrbio.

Palavras-chave: Depressão. Discurso. Imprensa. Subjetividade.

DEPRESSION AS A JOURNALISM SUBJECT exploring the Folha Group's files (1970-2009)

ABSTRACT - We investigate evidence of the cultural construction of depression in Brazilian media. To this end, we have explored its definition as a journalistic subject by examining the corpus of research materials from Folha Group's newspapers, especially *Folha de S. Paulo*, over the past forty years. Our approach to the news archives has allowed us to outline four main strategic regions of discourse production, revealed and exemplified in the article. Based on these observations, we have advocated a new perspective for the analysis of the press's role in publishing materials for dissemination of scientific research regarding depression. We will interpret its role not simply as the automatic disseminator of scientific truth, but as the explorer of a gray area of the field of opinion, regarded as a representation of the rubble of circulating knowledge, where what is at stake is the production of the current nature itself of the disorder.

Keywords: Depression. Speech. Press. Subjectivity.

INTRODUÇÃO E ALGUNS PRESSUPOSTOS

Deparar-se com um objeto de pesquisa da atualidade implica aceitar os desafios de uma empreitada estimulante: como propor uma análise que apresente novas perspectivas em meio à proliferação acelerada de opiniões, saberes e fragmentos de discursos que ansiosamente buscam cercar este objeto fugidivo que compartilha conosco as incertezas próprias de quem vive o contemporâneo? O fenômeno nebuloso que é a chamada “depressão” e, em especial, sua mediatização, configura um desses objetos aparentemente inapreensíveis diante do falatório estridente que provocam. Neste texto, lançamo-nos ao desafio de propor uma história do presente, ao abordar a construção dos sentidos da depressão na imprensa brasileira a partir da análise do *corpus* de pesquisa formado por 178 matérias publicadas por jornais do Grupo Folha, especialmente do jornal *Folha de S. Paulo*, entre os anos de 1970 e 2009. Foram selecionadas matérias que tratavam especificamente do tema da depressão como distúrbio psíquico passível de tratamento. Excluem-se, portanto, outros sentidos atribuídos à depressão para além de uma entidade clínica¹. “Basta descrever o arquivo”, ensinava-nos a arqueologia de um Foucault certamente mais irônico do que ingênuo em sua proposta, cujas “simples descrições de arquivo” continuam a nos inspirar ainda hoje.

Partimos de alguns pressupostos importantes, cuja exposição neste espaço consideramos fundamental para o acompanhamento do texto. O primeiro deles diz respeito ao modo como encaramos a história da depressão na imprensa (ou a história da mídia de maneira mais abrangente²). Trata-se de uma investigação que não enxerga necessariamente um padrão evolutivo na história (como se a história da depressão na mídia fosse a descrição neutra de uma sucessão progressiva das pesquisas científicas sobre o tema ou, ainda, uma progressão otimista do modo de construção do discurso jornalístico). Por outro lado, não subscrevemos discursos que encaram o poder midiático apenas como manifestação do poderio econômico de determinados grupos. Apesar de não ignorar esta instância de poder, encaramo-la como uma solidificação (potente, mas provisória) de um jogo plural de relações que se dão para além dos grandes grupos de imprensa. Novos ecos foucaultianos aqui: poder são sempre poderes – intencionais, mas não subjetivos.

Em segundo lugar, mais importante do que afirmar, repetidamente, que a mídia é uma instância de poder, interessa-nos trazer à luz suas estratégias, que não são as mesmas em todos os casos. Nem imprensa golpista, nem imprensa neutra: nossa abordagem dispensa dizer o que a mídia é, acreditando ser mais produtivo, a partir da exumação de seus

arquivos, dizer *o que* ela faz, *como* faz, *com quem* faz. Há aqui uma clara intenção de buscar as unidades discursivas (FOUCAULT, 2005, p. 30) a partir da descrição dos acontecimentos discursivos que nos interpelam: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”

Finalmente, devemos esclarecer que a análise dos arquivos de matérias de um jornal nos permite talvez produzir apenas algumas hipóteses sobre os *efeitos visados* com o auxílio de certas estratégias discursivas. Nada poderemos afirmar, assim, de seus *efeitos reais* sobre as audiências. Poderemos supor, porém sem o mesmo rigor que pretendemos atingir com a dissecação dos efeitos visados, quais seriam os *efeitos possíveis* desta circulação discursiva³. Não seremos fatalistas, no entanto. Não seria coerente ratificar uma teoria do poder pluralista se ignorássemos a potência inventiva dos sujeitos em contato com o que circula midiaticamente todos os dias. Isso não nos impede, entretanto, de enfatizarmos a maquinaria de efeitos visados a partir do mergulho no arquivo de um órgão de imprensa.

Debruçar-se sobre um arquivo de quarenta anos trouxe-nos uma grande diversidade de hipóteses, que restringiremos neste texto a dois segmentos, diante da natural limitação de espaço: o primeiro segmento focará nas estratégias de produção discursiva na divulgação de pesquisas científicas sobre depressão, que resumiremos a quatro principais linhas de ação; em seguida, debateremos a premissa de que a imprensa dissemina verdades científicas, propondo uma perspectiva alternativa, em que localizaremos o papel da imprensa na proliferação de algo distinto de uma verdade, em uma espécie de zona cinzenta da opinião, cujo foco principal é a pura produção de atualidades, o que entendemos a partir da inspiração de textos de pensadores tão diversos quanto Niklas Luhmann, Alain Badiou e Gabriel Tarde.

1 A depressão no Grupo Folha

Por que investigar especificamente a depressão na imprensa como objeto de pesquisa? Se o objetivo fosse unicamente mapear as estratégias discursivas da imprensa de divulgação de pesquisas científicas em geral, outros objetos nos seriam igualmente profícuos: doenças cardíacas, aquecimento global, obesidade etc. Contudo, nosso especial interesse pela depressão se justifica por algumas razões. A espantosa frequência da divulgação de pesquisas científicas sobre a depressão na mídia nos provoca uma genuína curiosidade sobre o fenômeno. Em uma avaliação de superfície, a expansão midiática da depressão ratifica os impressionantes números dos organismos mundiais de saúde. No

mundo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que haja 121 milhões de deprimidos. No Brasil, seriam 10% da população. Segundo o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), os casos de aposentadoria por invalidez por depressão cresceram 16% entre 2007 e 2008. Finalmente, a venda de antidepressivos cresceu 40% de 2005 a 2009 no país.

Todavia, como comunicólogos, evitamos discutir o aumento do número de casos clínicos de depressão nas últimas décadas. Sequer endossamos (ou negamos) a “realidade” de uma entidade clínica denominada depressão. Com isso, não queremos afirmar que desconsideramos os fatores de “causa” disto que se chama (com propriedade ou não) de depressão. Apenas delimitamos nosso domínio de atuação: não a produção *real* de depressivos, mas a produção discursiva da depressão como distúrbio psíquico na imprensa. Como pesquisadores de mídia, afirmar até que ponto a contaminação discursiva da depressão na mídia engendra novos deprimidos está além de nossas possibilidades. Entretanto, não consideramos “menor” o estudo das condições de transmissão social da “moda” da depressão. Na verdade, aí reside de fato nossa mais sincera inquietação.

Iniciemos, assim, com os dados colhidos sobre a expansão da “moda” da depressão, como mostra a Tabela 1. Das 178 matérias analisadas desde os anos 70, 55% delas encontram-se na última década (até 2009).

Tabela 1: Depressão no Grupo Folha. Porcentagem do total de 178 matérias consultadas, por década

Décadas	Número de matérias (% do total)
Década de 1970	4%
Década de 1980	10%
Década de 1990	31%
Década de 2000	55%

Fonte: elaboração do autor

O recrudescimento das matérias sobre depressão trouxe consigo uma pluralidade de estratégias discursivas de construção do distúrbio como objeto midiático. Encontramos quatro linhas principais de atuação.

a) Seleção interessada dos especialistas consultados

As matérias que refletem temas científicos aprofundam um método comum ao jornalismo que é a consulta aos especialistas, indivíduos cujas falas carregam consigo uma autoridade conveniente àquilo que é apurado pelo profissional de imprensa. Diante de uma pesquisa científica, é frequente encontrarmos a opinião de especialistas

para debater o que foi “descoberto”. No caso específico da depressão, em que temos um antagonismo claro entre perspectivas biologizantes e psicossociais no que diz respeito à compreensão do distúrbio, talvez tão importantes quanto as pesquisas científicas que fazem parte da pauta sejam os especialistas selecionados para comentá-las.

Em matéria da *Folha da Tarde* de três de Novembro de 1977 denominada “Depressão aumenta dia-a-dia em todo o mundo”, um psiquiatra é consultado para comentar a expansão dos casos: “Quanto mais aumenta a população, maior se torna a solicitação do indivíduo em relação ao meio, obrigando-o a uma vida mais ativa e de concorrência, para a qual ele não está preparado. Em virtude disso, ele faz o quadro da depressão” (FOLHA DA TARDE, 03 nov. 77).

Vejam agora outro exemplo, bem mais recente, em que se consulta um neurologista para comentar a incidência de depressão em crianças e adolescentes:

A culpa dos pais também pode ser aliviada se a depressão deixar de ser encarada como resultado de falha de caráter ou de criação. Como qualquer doença, ela precisa ser diagnosticada e controlada. “Caracteriza-se pela dificuldade do cérebro em usar certas substâncias, como serotonina, dopamina e noradrenalina, para administrar informações entre os neurônios”, explica o neurologista João Radvany, do hospital Albert Einstein (SP). *Estão em jogo predisposição genética, educação e fatores sociais, ambientais e comportamentais* (FOLHA DE S. PAULO, 04 set. 03, grifo nosso).

Esse trecho é significativo: apesar da descrição de diversos fatores tidos como influentes para o desenvolvimento da depressão, a recorrência a um especialista neurologista privilegia uma destas causas, a biológica.

A justaposição dos dois trechos de matérias acima, pertencentes a datas distantes no tempo, não nos autoriza dizer, entretanto, que houve uma abrupta interrupção da visibilidade midiática das causas psicossociais em proveito da biologização do distúrbio e suas consequentes indicações de tratamento, como podemos averiguar pela Tabela 2.

Tabela 2: Tratamento da depressão no Grupo Folha. Porcentagem do total de matérias consultadas, por década

Décadas	Tratamentos (% do total de matérias por década)						
	Medicamentos	Terapia	Medicamentos e terapia	Alternativos naturais	Eletrochoque ou ECT	Outros	Não há referência
Década de 1970	33%	-	17%	-	-	-	50%
Década de 1980	22%	11%	22%	11%	11%	-	23%
Década de 1990	33%	4%	16%	5%	2%	-	40%
Década de 2000	15%	5%	16%	6%	2%	9%	47%

Fonte: elaboração do autor

Apesar do *boom* de menções aos tratamentos da depressão por medicamentos na década de 90, encontraríamos uma redução destas referências na década seguinte. Não há um crescimento homogêneo das menções da biologização da depressão em detrimento da atenção a seus fatores psicossociais. Contudo, nossa sensação de que haveria um aumento da visibilidade midiática das causas biológicas da depressão nos últimos anos pode, talvez, ser justificada pela seleção de determinados especialistas que direcionam o sentido da pesquisa publicada.

Esta primeira estratégia pode ser mais bem compreendida se cotejada com a seguinte.

b) Deficiência da exposição do contraditório das pesquisas

Vimos como a seleção de determinados especialistas no lugar de outros implica um direcionamento específico do discurso jornalístico. No caso da divulgação de pesquisas científicas acerca da depressão, o conhecimento da disputa entre uma visão biologizante e uma cultural não gera necessariamente um *debate* na reportagem, efetivado com a consulta de, no mínimo, um especialista a mais para cada “tendência”. Nossos números informam justo o oposto, como podemos ver na Tabela 3. O banalizado princípio de conduta jornalística de “ouvir todos os lados”, certamente idealizado (mas não por isso improdutivo), pouco se vê no que se refere à cobertura da depressão.

Tabela 3: Segunda opinião de especialista nas matérias sobre depressão. Porcentagem do total de matérias consultadas, por década

Décadas	Segunda opinião de especialista (% por década)
Década de 1970	-
Década de 1980	-
Década de 1990	2%
Década de 2000	9%

Fonte: elaboração do autor

Publicar uma pesquisa científica para, em seguida, entrevistar um especialista que a corrobore, sem buscar contradizê-lo com a recorrência a outro especialista de área distinta, é sub-repticiamente endossar sem crítica tal pesquisa. Contudo, isto não nos autoriza dizer que haja um compromisso tácito da imprensa com alguma verdade científica *específica* sobre a depressão (como defenderemos na segunda parte deste artigo).

Por fim, haveria ainda outras modalidades desta deficiência

de exposição do contraditório na construção discursiva da depressão na imprensa. Muitas pesquisas são divulgadas como “a mais nova descoberta da ciência”, ignorando o histórico de trabalhos (e reportagens) produzidos sobre o mesmo tema, muitas vezes com resultados diversos. O que notamos é que se, por um lado, *em seu conjunto* diversificado, as matérias não têm comprometimento com uma verdade científica específica, *individualmente* elas tendem a endossar acriticamente a pesquisa *da vez* como verdade. Recorramos à Tabela 4 para esclarecer nossa perspectiva. Percebemos como, em um grande conjunto, não há forte hegemonia da presença de uma causa específica para a depressão nas matérias ao longo das décadas.

Tabela 4: Causas da depressão nas matérias do Grupo Folha. Porcentagem do total de matérias consultadas, por década

Décadas	Causas (% do total das matérias, por década)					
	Somente Biológicas	Somente Psicossociais	Biológicas e psicossociais	Outras	Não se sabe ao certo	Não há referências
Década de 1970	17%	33%	33%	-	17%	-
Década de 1980	44%	22%	11%	6%	-	17%
Década de 1990	28%	32%	9%	4%	-	27%
Década de 2000	15%	27%	16%	1%	2%	39%

Fonte: elaboração do autor

Salientamos que grandes grupos como “causas somente biológicas” escondem matérias tão díspares quanto as seguintes: “Depressão pode ser causada por ação de vírus”, de 22 de Agosto de 2005 e “Depressão pode ter origem em herança genética do indivíduo”, de 23 de Novembro de 1985. Mesmo dentro do próprio conjunto de “causas biológicas”, encontramos uma imensa diversidade de pesquisas que nunca dialogam entre si nas matérias. Em suma, há um relativo equilíbrio das menções das duas grandes linhas explicativas causais da depressão nas matérias tomadas em geral. Tal equilíbrio, porém, não se sustenta nas matérias individuais pela quase ausência da exposição do contraditório das pesquisas divulgadas (Tabela 3), o que poderia ser alcançado com a consulta a especialistas divergentes, por exemplo.

c) Depoimentos pessoais como ratificação das pesquisas

Nas duas últimas décadas, houve um considerável aumento de depoimentos pessoais de supostamente depressivos nas matérias

do Grupo Folha (Tabela 5). Mais do que mera ilustração das pesquisas, defendemos que tal crescimento indica outra estratégia discursiva na produção do objeto midiático da depressão.

Tabela 5: Depoimentos pessoais nas matérias sobre depressão do Grupo Folha. Porcentagem do total de matérias consultadas, por década

Décadas	Depoimento pessoal (% por década)
Década de 1970	-
Década de 1980	6%
Década de 1990	18%
Década de 2000	17%

Fonte: elaboração do autor

A primeira matéria da *Folha de S. Paulo* encontrada em que se expõe um depoimento pessoal é de 19 de Junho de 1989, intitulada “Depressão: o mal dos séculos”. Nela, um homem procurava trazer sua coloração pessoal ao sofrimento do distúrbio por que passava:

De certa forma, o ler, o pensar e o escrever são as únicas formas que encontro, pelo menos no momento, de me liberar desse peso enorme no coração. Descanso algum tempo, alguns meses quem sabe, e de repente afundo outra vez nesse buraco. Enquanto tiver forças, escreverei (FOLHA DE S. PAULO, 19 jun. 89).

Em uma primeira leitura, baseando-nos apenas neste exemplo, poderíamos encarar o aumento dos depoimentos pessoais nas matérias como uma concessão da imprensa ao espaço diferenciado da subjetividade, em que as singularidades inventivas dos sujeitos relativizariam os relatórios secamente preparados por organizações científicas. Ocorre que a maior parte dos depoimentos produzidos, especialmente nas duas últimas décadas, difere bastante do estilo adotado pelo precursor que citamos acima.

Em termos foucaultianos, encontraríamos nestes casos menos “estética de si” do que “homens infames” (2009), aqueles indivíduos cuja realidade da existência só nos chega por conta de, algum dia, terem esbarrado nas grades do poder⁴. É desta maneira que notamos uma maior homogeneização dos depoimentos encontrados nas matérias sobre depressão. Os “depressivos” entrevistados restringem-se a descrever o mais fidedignamente possível seus sintomas, que se tornam os personagens principais de suas narrativas. É o caso da adolescente que envia carta ao especialista do jornal buscando compreender o que se passa com ela e é imediatamente alertada sobre a possibilidade de estar deprimida. Encontramos este exemplo na

matéria “Depressão e ansiedade vão além da crise da adolescência”, que reproduzimos em duas partes, sendo a primeira a carta da jovem e a segunda a opinião do psiquiatra consultado.

“Tenho 18 anos e me sinto estranha e triste. Meu pai pega no meu pé e só critica o que faço. Estou no ano do vestibular e só estudo. Ando preocupada com meus pensamentos. Sinto meu corpo formigar e tenho falta de ar. O que acontece comigo?”

Tristeza, pensamentos estranhos e dificuldade de encarar a vida podem ser sinais de depressão. A pessoa fica infeliz, para baixo, sem pique de fazer as coisas. [...] Ano de vestibular é difícil mesmo [...]. Vale a pena achar um espaço na sua agenda para procurar a ajuda de um especialista – um terapeuta, um psicólogo ou um psiquiatra que converse com você, cheque o que está acontecendo, verifique se você está deprimida mesmo e proponha um tratamento. O que não dá é ficar vendo a vida com essas lentes escuras e sem foco (FOLHA DE S. PAULO, 03 set. 01).

Poderíamos supor que tal “pasteurização da descrição de si” possa estar vinculada, especialmente a partir da década de 90, à publicação da quarta edição do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM), a “bíblia” dos psiquiatras, que é base não somente para a criação de diagnósticos em consultórios médicos como também para resoluções de investimentos governamentais e regulamentações de planos de saúde. Símbolo da ascensão da psicopatologia descritiva, que revolucionou os métodos diagnósticos dos distúrbios mentais, o DSM, desde sua terceira edição, privilegia a descrição exclusiva dos sintomas dos distúrbios para a composição do diagnóstico, em detrimento da contextualização aprofundada dos mesmos (BEZERRA, 2007). O DSM traz uma lista de nove sintomas que caracterizam a depressão, e a frequência de quatro ou cinco deles por, no mínimo, duas semanas já justificaria o diagnóstico. Esta disposição descritiva favoreceria a produção dos depoimentos pautados por simples descrições de sintomas. Com isso, não afirmamos que o DSM provoca, em uma lógica causal determinista, a produção desses depoimentos pasteurizados. De todo modo, não seria absurdo pensar que o aumento dos depoimentos de depressivos corrobora tal tendência, somada ainda à crescente exposição de uma imagem de si próprio que esfacela os liames do público e do privado.

Contudo, para além desta leitura, gostaríamos de atentar para o papel dos depoimentos como estratégia discursiva nas matérias observadas. Se eles surgem no contexto da divulgação de uma pesquisa, confirmando-a, terminam por contribuir para que esta pesquisa adquira concretude, realidade imediata. É como se nos dissessem que a pesquisa é tão real que faz brotar naturalmente seus personagens diante de nossos olhos.

Em 22 de Novembro de 2007, por exemplo, a matéria “Droga antiobesidade pode elevar em 40% risco de depressão” divulgava pesquisa holandesa sobre o medicamento Acompla, usado no tratamento da obesidade. O depoimento de uma mulher que se tratava com o remédio confirmava o que era, afinal de contas, apenas uma pesquisa, sujeita a debates e contraprovas:

A professora Ana Maria Cardoso, 52, é um exemplo. Ela conta que sempre se considerou uma “gorda feliz”, mas que, um mês após iniciar o tratamento, começou a se sentir deprimida, sem vontade de sair de casa. “Só chorava. De repente tudo ficou cinza”, afirma. Ela diz que demorou pelo menos duas semanas até associar a depressão à medicação. “Assim que falei com meu médico, ele suspendeu a medicação e, em poucos dias, eu já me sentia outra” (FOLHA DE S. PAULO, 22 nov. 07).

Colher o depoimento de uma dona de casa sobre o aumento do preço do arroz após a divulgação de um aumento inflacionário não é o mesmo que “ilustrar” uma matéria a respeito de uma pesquisa sobre depressão, objeto tão passível de ser captado por perspectivas distintas. Ao dispor desta estratégia, a matéria sutilmente torna a pesquisa “mais verossímil”.

Passemos, finalmente, à última estratégia discursiva que indicamos em nosso trabalho.

d) Negligência sobre as condições da pesquisa

Nenhuma pesquisa científica pode ser desvinculada de suas condições de possibilidade. Poderíamos listar uma série delas, na linhagem de Bruno Latour (2004) e sua indicação dos diversos atores humanos e não humanos em um procedimento de pesquisa. Entretanto, para o que nos importa aqui, limitemo-nos a concordar que um trabalho científico não pode dispensar o contexto histórico-social-econômico em que é produzido.

Nas matérias divulgadoras de pesquisas sobre depressão, encontramos certa negligência em relação a esses fatores condicionantes dos trabalhos publicados. Patrocinadores das pesquisas, posições políticas dos institutos que as produzem e outros elementos são comumente ignorados. Não são, entretanto, *totalmente* ignorados. E é precisamente aqui que encontramos, nesta negligência *irregular* das condições das pesquisas publicadas, uma nova estratégia discursiva. Caso fossem *sempre* ignoradas, poderíamos afirmar que as condições não fariam parte da produção discursiva das reportagens estudadas. Isto implicaria algumas consequências. Não é o caso presente, todavia. Aqui também, como no caso dos especialistas consultados, há uma *seleção*

interessada na indicação das condições de produção das pesquisas.

Um exemplo esclarecerá nosso ponto. Em 16 de Setembro de 2002, a Folha traz a notinha “Identificada nova síndrome: a depressão pós-férias”:

Pesquisadores espanhóis divulgaram uma nova síndrome detectada em jovens, mulheres e crianças: a depressão pós-férias. Trata-se de um problema caracterizado por perturbações do sono, taquicardia, tristeza e ansiedade em pessoas que retornam a atividades rotineiras como o trabalho e o estudo após grandes pausas (FOLHA DE S. PAULO, 16 set. 02, grifo nosso).

Sobre as fontes da pesquisa acima, o máximo que sabemos é a nacionalidade dos pesquisadores. Não sejamos complacentes em atribuir tal negligência ao fato de o texto dever conformar-se ao curto espaço destinado às notinhas de jornal. Outra notinha, publicada em 9 de Junho de 2003, intitulada “Estudo liga sexo à depressão”, apresenta maior cuidado na descrição dos meios que propiciaram a pesquisa:

Um estudo polêmico, patrocinado pela fundação norte-americana conservadora Heritage, associa o sexo à depressão. Segundo a pesquisa, realizada com 2800 estudantes de 14 a 17 anos, aproximadamente 25% das garotas que têm vida sexual ativa dizem sofrer de depressão. Esse percentual é de 8% entre as que não mantêm relações sexuais (FOLHA DE S. PAULO, 09 jun. 03, grifo nosso).

Não só conhecemos a entidade patrocinadora da pesquisa como também somos informados de que ela seria “conservadora”, e que o estudo seria “polêmico”. A lógica é simples (e simplória): associar sexo à depressão é polêmico, especialmente se quem financia o estudo é uma entidade conservadora. É curioso que algo tão espantoso quanto associar depressão à vida sexual ativa, como seria o caso da “depressão pós-férias”, por exemplo, não seja igualmente considerado “polêmico”.

Sendo assim, após a sugestão de que as estratégias discursivas de produção da depressão como objeto midiático nas matérias do Grupo Folha obedeceriam a quatro linhas gerais de ação, passemos à segunda parte do trabalho. Nela, discutiremos como tais estratégias engendrariam um papel bastante próprio para a imprensa na divulgação da depressão como entidade clínica.

2 Uma zona cinzenta da opinião

Após a análise do *modus operandi* das quatro principais estratégias discursivas, afirmar simplesmente que a imprensa “dissemina verdades científicas” é ignorar seus (micro)poderes de invenção de sentidos diversos para a depressão. É certo que a matéria-prima para tais estratégias pode ser encontrada, em grande medida, nas pesquisas

mesmas. Entretanto, isto não nos permitiria defender que a imprensa apenas *reflete* os resultados divulgados pela ciência, como se houvesse um conluio secreto promovido por não se sabe quem e em quais termos.

Ao mesmo tempo, ao contrário de nossas apostas ao início da pesquisa de doutoramento, em 2008, concluímos que a imprensa não “escolheu” um lado da disputa pelos sentidos da depressão entre causas socioculturais e biologizantes, em proveito destas. Ao menos no Grupo Folha, não encontramos esta ratificação hegemônica da “somatização da subjetividade” (cf. Tabela. 4, mais acima). Por outro lado, esta surpresa advinda da pesquisa do arquivo do Grupo Folha não nos transformou em Cândidos. Em outras palavras, o fato de o conjunto das matérias não se aliar a *uma verdade específica* defendida pela ciência no que toca à depressão não significa que a imprensa não corrobore o princípio de que *o lugar privilegiado de produção de verdades* na atualidade seja o domínio científico. Se, por exemplo, em um único mês o mesmo jornal publica duas pesquisas contraditórias com ares de verdade (com o auxílio de estratégias discursivas como as que citamos anteriormente), não podemos dizer que este veículo defenda *uma* verdade específica, mas podemos afirmar que ele contribuiu para tornar inquestionável o *direito* da ciência de fazer a triagem do verdadeiro e do falso.

Ora, se o papel da imprensa não é o de apenas disseminar uma verdade científica específica, também não o é de mera propagação de opinião em sua acepção mais genérica, visto que o prestígio das pesquisas lhe fornece automaticamente um lugar superior àquele destinado a uma opinião “sem base científica”. Nem preto, nem branco, mas cinza: há aqui uma região especial da opinião que é irredutível tanto à verdade quanto a uma espécie de senso comum generalizado.

A avalanche de pesquisas sobre a depressão é indício muito provavelmente de uma “moda” do tema entre cientistas, mas seu sucesso na comunidade científica não justifica necessariamente a “moda” social da depressão que a imprensa contribui para difundir. Entretanto, como fonte principal da opinião (TARDE, 2005; LUHMANN, 1992), a imprensa é por si só fonte potente de “modas”. Luhmann nos inspira neste ponto. Com ele, aprendemos que a informação é tudo aquilo que se seleciona sob o critério da *novidade* e do *conflito*. O ritmo das notícias pauta-se pela descontinuidade dos acontecimentos do dia. Há, assim, uma diferença organizada entre a vida das pessoas e a vida cotidiana das notícias. Esta descontinuidade gera uma impossibilidade da integração das duas temporalidades em jogo. De um lado, a vida cotidiana, em seu devir, pluralidade e diferença; de outro, a avalanche de estatísticas, quadros

comparativos e números despejados diariamente pelos jornais. Assim, a quantificação/exatidão da vida cotidiana raramente é “natural”. No caso da depressão, a proliferação de pesquisas diferentes, com resultados muitas vezes díspares, vai perfeitamente ao encontro desta sede de informação (entendida como sugere Luhmann) da imprensa.

Arriscamos dizer que o compromisso da imprensa no caso da depressão é menos com a verdade científica do que com a própria *atualidade* do tema. “Atualidade”, aqui, considerada não apenas como aquilo que acaba de acontecer, mas como tudo o que inspira atualmente um interesse geral (TARDE, 2005, p. 8). Poderíamos ir um pouco mais longe, talvez, e afirmar que o compromisso da imprensa com o tema da depressão (e talvez isto possa ser generalizado para outros casos) não é outro senão *com a imprensa mesma, com seu próprio funcionamento*, com seu poder de difusão de algo que, se não é verdade, também não é pura opinião “sem base”.

Essa nossa zona cinzenta da opinião no caso da depressão aproxima-se bastante da própria definição de opinião dada pelo filósofo Alain Badiou: a opinião são representações sem verdade, configurando os destroços anárquicos do saber circulante. A opinião não deverá ser falsa ou verdadeira, portanto: seu único dever é ser comunicável, sendo o alimento da sociabilidade. Diante de uma nova verdade, as opiniões se alteram, sem contudo tornarem-se verdadeiras:

Uma verdade – é este seu efeito de “retorno” – transforma os códigos de comunicação, modifica o regime de opiniões. Não que as opiniões tornem-se “verdadeiras” (ou falsas). Elas são incapazes disso, e, em seu ser-múltiplo eterno, uma verdade persiste indiferente às opiniões. Mas elas se tornam outras. O que quer dizer que os juízos antes evidentes para a opinião não são mais sustentáveis, que são necessários, que os modos de comunicação se modificam etc. (BADIOU, 1993, p. 71, *nossa tradução*).

Em Badiou, uma verdade⁵ transforma necessariamente os códigos de opinião. No caso da depressão, esta transformação é mais caótica, visto que as pesquisas envolvendo este tema estão em constante luta, em que encontramos, no mínimo, dois lados bastante distintos, relativamente equilibrados, mas ainda assim não homogêneos em si mesmos. Desta luta de mil soldados, a imprensa suga sua atualidade, promovida com suas próprias estratégias.

O sociólogo Alain Ehrenberg (2008, p. 125) defende que os meios de comunicação contribuíram para a proliferação de uma “gramática da vida interior para as massas” no caso da depressão. Podemos endossar esta hipótese, mas apenas no que se refere aos *efeitos visados* pelas

publicações, sem considerarmos o real uso dos sujeitos a partir do que lhes chega midiaticamente. Além disso, dada a pluralidade de estratégias discursivas na formação do objeto midiático da depressão, não concordamos que haja apenas *uma* gramática da vida interior difundida. Em outras regiões científicas é provável que isto tenha ocorrido com maior fidelidade. O vocabulário do código genético (especialmente após o Projeto Genoma) e a linguagem relativa aos problemas cardíacos, por exemplo, produziram regimes de opinião muito mais constantes e uniformes do que no caso depressão. Outras pesquisas confirmariam ou rebateriam nossa aposta. Sobre depressão, no entanto, muito se diz, mas esta loquacidade é plural, permitindo arranjos de discurso diversos.

Defendemos que, por meio de estratégias discursivas muito específicas e pulverizadas, a imprensa mantém *atual* o tema da depressão, beneficiando-se justamente da pluralidade de visões que o distúrbio depressivo provoca no próprio seio da ciência. Seria, portanto, nesta zona cinzenta da opinião que se inventa esta potência *soft* produtora de atualidade científica sem ser propriamente ciência, sem ser propriamente senso comum. Em suas incertezas, a depressão é um objeto privilegiado na produção de comunicabilidade. Afirmar que a imprensa corrobora totalmente a visão biologizante da depressão é ignorar suas finas estratégias discursivas. Ironicamente, quando nós, pesquisadores, dizemos “chega de verdade!”, na esteira de nossa herança filosófica mais recente, esta zona cinzenta da opinião parece concordar conosco de uma maneira perversa, que nos convém, portanto, começar a destrinchar.

NOTAS

- 1 Nossa pesquisa de doutoramento, base deste artigo, pretende-se um pouco mais abrangente: além do arquivo do Grupo Folha, consultamos também o arquivo da Revista Veja, em que focamos nos sentidos da palavra depressão nos últimos 40 anos, para além das reportagens de ciência.
- 2 Cf. Gonçalves; Saint Clair (2008).
- 3 Tomo emprestada esta nomenclatura (efeitos visados, efeitos reais, efeitos possíveis) de Patrick Charaudeau (2010, p. 25).
- 4 Cf. ainda a leitura de Deleuze acerca da infâmia em Foucault: “Foucault concebe uma infâmia de raridade, aquela dos homens insignificantes, obscuros e simples, que somente são levados à luz pelas queixas,

relatórios de polícia. É uma concepção próxima de Tchekov” (DELEUZE, 2004, p. 102, tradução nossa).

- 5 “Verdade” em Badiou é o processo real de fidelidade a um evento (1993, p. 39), uma ruptura imanente, uma vez que não há “céu” de verdades e partindo do pressuposto de que o que torna possível o processo de verdade – evento – não estava entre os usos comuns de uma situação.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Éthique**: essai sur la conscience du Mal. Paris: Hatier, 1993.

BEZERRA JR., Benilton. Da contracultura à sociedade neuroquímica: psiquiatria e sociedade na virada do século. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; NEVES, Santuza Combraia (Org.). **Por que não? Rupturas e continuidades da contracultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Paris: Les éditions de Minuit, 2004.

EHRENBERG, Alain. **La fatigue d'être soi**: Dépression et société. Paris: Odile Jacob, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **História da sexualidade** – A Vontade de Saber. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega, 2009.

GONÇALVES, Márcio; SAINT CLAIR, Ericson. Comunicação e História: perspectivas analíticas. In: HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (Org.). **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

LATOURETTE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da Comunicação**. Lisboa: Vega, 1992.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima (Org.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Artigos de Jornal

“Depressão aumenta dia-a-dia em todo o mundo”. **Folha da Tarde**, São Paulo, 3 nov. 1977.

“Depressão pode ter origem em herança genética do indivíduo”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 nov. 1985.

“Depressão: o mal dos séculos”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 1989.

“Depressão e ansiedade vão além da crise da adolescência”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 set. 2001.

“Identificada nova síndrome: a depressão pós-férias”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 set. 2002.

“Estudo liga sexo à depressão”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jun. 2003.

“Depressão em jovem tem feições próprias”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 set. 2003.

“Depressão pode ser causada por ação de vírus”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2005.

“Droga antiobesidade pode elevar em 40% risco de depressão”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2007.

Ericson Saint Clair é doutorando em Comunicação e Cultura pela UFRJ e mestre em Comunicação pela UFF. É autor de *Gabriel Tarde e a Comunicação: por um contágio da diferença* (Editora Multifoco, 2012). Suas pesquisas privilegiam as interfaces entre Comunicação, História e Subjetividade. E-mail: ericsonsaintclair@gmail.com

RECEBIDO EM: 26/03/2012 | ACEITO EM: 02/05/2012